

# Eutanásia

## Fenomenalidade de *O Amor de Si* na relação com argumentos médicos e teológicos

FLORINDA MARTINS\*

**Resumo:** Partindo de duas frases de um diálogo que tive com Michel Henry, retomo pontas soltas da obra *Encarnação* para revisitar argumentos em torno da vivência da eutanásia. De um texto de Girardoux colho e avalio argumentos médicos. De um texto de Angelus Silesius, colho e avalio argumentos teológicos. Termino referindo a obra *Crucifixion*, de Paul Audi, interrogando sobre a possibilidade da consumação de um viver pelo amor que supera o homicídio.

**Palavras-chave:** Fenomenologia da Vida, eutanásia, amor, relação de ajuda.

**Abstract:** Starting from two sentences of a dialogue with Michel Henry, I return to the loose ends of *The Incarnation* in order to revisit arguments about the experience of euthanasia. From a Girardoux's text I collect and evaluate medical arguments. From a text of Angelus Silesius, *Pèlerin chérubinique*, I collect and evaluate theological

\* Coordenadora Científica do Projeto internacional em rede 'Corpo e Afetividade: a recepção do pensamento de Michel Henry na Lusofonia' – UCP – CEFi Porto; Cofundadora da Société Internationale Michel Henry; Membre d'Honneur du Cercle phénoménologique Michel Henry; Membro do Conselho Científico do Círculo Fenomenologia da Vida e da Clínica, Universidade de São Paulo.

arguments. I end by referring to Paul Audi's *Crucifixion*, questioning the possibility of the consummation of a way of living through love that overcomes homicide.

**Keywords:** Phenomenology of Life, euthanasia, love, relationship of help.

Depois de uma visita que fiz com Michel Henry à Igreja de São Roque, em Lisboa, de que mais poderíamos falar senão de Paixão?!

– Quero viver a minha paixão, disse Michel Henry.

– E eu não quero viver em agonia, sussurrei.

Michel Henry viera a Portugal para apresentar, na Faculdade de Letras de Lisboa e na Universidade Católica, a obra *A Verdade sou eu: para uma filosofia do cristianismo* e participar no debate em torno do tema *Sofrimento e dor – subjetividade na clínica*, proposta do Centro de Estudos de Filosofia da Medicina do Instituto de Oncologia de Lisboa, para a Universidade de Verão – Arrábida. O histórico dessa passagem oficial de Michel Henry por Portugal está já publicado por Andrés Antúnez (2015), mas o que à margem desses nossos encontros oficiais se passou é ainda pouco conhecido. Ainda que encontros à margem do oficial, nem por isso deixam de ser importantes para compreendermos temas que, na obra oficial, podem parecer, também eles, marginais à obra, como, por exemplo, a eutanásia.

Vejam, então, se o diálogo que atrás referi pode ou não ser retomado no âmbito de uma nota de rodapé que aparentemente se assemelha a uma ponta solta dentro de uma obra que se pauta pela intensificação do nosso viver e que à partida pode ser tomada como o oposto da eutanásia. Refiro-me à primeira nota de rodapé do § 38 da obra *Encarnação: para uma filosofia da carne* (2000), onde se pode ler: «*ele morreu, dirá Giradoux de um de seus heróis, porque o aborrecia respirar*». A nota está inserida na reflexão que Michel Henry faz do conceito de angústia, em Kierkegaard. Ora, a angústia em Kierkegaard prende-se com a modalidade de um pensamento – justa ou injustamente atribuído a Descartes – que compreende o ser humano como composto de um corpo, o nosso corpo, cujos órgãos e funções são descritos como formas objetivas, e de um espírito essencialmente distinto do corpo. A angústia provém do absurdo de, enquanto espírito, estarmos em relação com algo que é desse espírito desprovido, pois tomadas em si mesmas tais descrições do corpo são fenomenologicamente distintas da vida do espírito, sendo por isso incompreensível ou, no dizer de Kierkegaard, paradoxal, a síntese entre os dois: síntese do corpo com o espírito.

Para Michel Henry, o paradoxo da síntese resulta da insuficiência da compreensão do corpo a partir da sua descrição objetiva, porquanto o corpo, expressando-se embora de modo a ser visto por outrem, é irreduzível à nudez

fria e despidorada de uma objetiva forma. E assim sendo é a neutralidade da forma objetiva que é posta em causa: a nudez do corpo é vivenciada como angústia e desespero face à sua frieza e indiscrição. Para Michel Henry, a indiscrição do corpo objetivo é extensiva à indiscrição do cadáver porquanto este, ao denunciar uma vida que dele se ausentou, é testemunha de um homicídio (1996). Assim, quer as formas do corpo ditas objetivas quer o corpo cadáver são vividos na modalidade de um sentimento ou de uma emoção que os reporta ao sentir de um corpo que é o meu ou o teu. Reporta-os a uma carne que é a minha ou a tua. Uma carne que se alimenta da Vida que percorre o corpo das entranhas à flor da pele e que das entranhas à flor da pele apenas posso amar ou odiar como amando-me ou odiando-me a mim mesma: amando-me ou aborrecendo-me, no caso de Giradoux, ou ainda angustiando-me até ao desespero de mim, no caso de Kierkegaard! Amando-me, angustiando-me, desesperando-me na vida que sou eu!

Dado este contexto da nota de rodapé, a referência a Giradoux é coerente. E sê-lo-á ainda mais quando, no seguimento do texto, Michel Henry transporta a angústia que provém da constatação paradoxal da união do corpo e espírito para o redobrar dessa angústia perante um outro corpo, irrecusavelmente desejado por uma qualificação objetiva, sexual – homem e mulher. Poderíamos então ver, no texto, a justificação para o insucesso da relação erótica a partir das qualidades objetivas do corpo. E se em Michel Henry esta relação de insucesso é inegável na abordagem que faz a Kierkegaard, em relação a Giradoux basta olhar para a continuidade da citação colhida na *Encarnação* para disso nos darmos consta: «*ele morreu porque o aborrecia respirar*» e continua: «*dir-se-á... que ele morreu de amor*».

Todavia, ainda que a questão erótica, em Michel Henry, possa fenomenologicamente ser avaliada no contexto da literatura em torno do herói de Giradoux, a minha observação prende-se com o intencional desvio da questão erótica e da fenomenalidade do corpo físico para a fenomenalidade do orgânico, bem como das questões daí resultantes para o ato médico. Pois, se tal desvio não fosse intencional, qual seria então a relação, na obra de Michel Henry, entre a incapacidade de Hans – *um homem* – viver com ou sem o amor de Ondina – *uma mulher* – e a incapacidade de a textura admirável de um pulmão respirar por si só exigindo algo como o respirar de Hans, o herói de Giradoux?

Ouso dizer que esta questão em Michel Henry retoma, aqui e ainda que de passagem, aquilo que esteve em debate no colóquio realizado em Montpellier, sob o título *Doenças respiratórias, sono e ritmo*, como se pode ler nas *Atas* (1985), e que colhe o nome de *síndrome da maldição de Ondina*. Síndrome na qual e pela qual os pacientes, durante o sono, morrem ao perderem o controlo voluntário da respiração.

E neste sentido é legítimo que procure relações entre a nota de rodapé do § 38 da obra *Encarnação*, que fala do herói de Giradoux, e a nota do § 43 da mesma obra, que se refere também ela à medicina.

Na nota de rodapé do § 43, Michel Henry diz e passo a citar: «a medicina nunca foi uma ciência propriamente dita – não por falta de rigor [...]. Por isso é preciso compreender que todos os conhecimentos objetivos [decorrentes do ato médico] são atravessados por um olhar que vê, para lá deles, na radiografia de uma lesão ou de um tumor, para lá do corpo objetivo *o que disso resulta para uma carne*» (2000, 317. O itálico é do autor).

Comparemos então as duas notas de rodapé. Da primeira é-nos permitido dizer que, pela síndrome da maldição de Ondina, a descrição da estrutura de um pulmão é insuficiente para dar conta do fenómeno da respiração. Pela segunda os dados objetivos são atravessados por um olhar que vê para lá desses dados o que deles resulta para uma carne.

Podemos então afirmar que, no que ao ato médico diz respeito, a questão levantada pela nota de rodapé do § 38 tem resposta na outra nota de rodapé, a do § 43. E podemos dizer também que ambas circunscrevem e tratam a fenomenalidade do ato médico, pelo que nos é permitido ainda dizer que com elas podemos colher os argumentos médicos no que às questões da eutanásia dizem respeito e que passo a resumir: pela referência dos dados objetivos do corpo à vida do paciente, o médico dá-lhe conta daquilo que deles resulta para as suas (im)possibilidades de vida.

Posto isto, a nossa questão agora é outra: serão as notas de rodapé da *Encarnação* apenas notas circunstanciais que abrem a fenomenologia da vida, em Michel Henry, a novos campos de investigação, como sendo os argumentos médicos em torno da eutanásia, ou estes são parte integrante da obra e enquanto tal contribuem para a sua integral compreensão?

No início deste texto disse que estas questões podem parecer marginais. Agora irei mostrar como é que elas se integram na obra do autor. E irei fazê-lo avaliando a argumentação teológica sobre a questão da eutanásia.

Se a questão de Hans, o herói de Giradoux, é na literatura irreduzível à sua transposição para o problema de saúde conhecido por síndrome da maldição de Ondina, do mesmo modo a fenomenologia da vida, em Michel Henry, é irreduzível à questão da transposição do âmbito da fenomenalidade das qualidades objetivas do corpo para a fenomenalidade de uma carne que as sofre. Em ambos, a referência das qualidades do corpo à vivência que cada um de nós faz deles – do nosso corpo ou de o de outrem – abre à fenomenalidade da relação de cada um com outrem. Abre, em linguagem de Giradoux e de Michel Henry, à fenomenalidade do erotismo que, em ambos, é uma fenomenalidade de insucesso do desejo e do querer alcançar pelo outro a plenitude do seu viver.

Para Giradoux, falar do amor é falar de um grande equívoco. É falar do equívoco do amor entre Hans e Ondina, pois um e outra se perdem a si mesmos e de si mesmos na busca do amor de um no outro. A morte está relacionada com a consciência desse equívoco. E por isso é necessário completar a citação que Michel Henry toma de Giradoux: «*ele morreu porque o aborrecia respirar*», que termina assim: «*dir-se-á... que ele morreu de amor*».

Para Michel Henry, no contexto da vivência das qualidades objetivas do corpo, falar do desejo de se unir ao outro é falar da experiência de um fracasso. Um fracasso que, e de acordo com Kierkegaard, resulta da circunscrição da relação erótica à união de sexos diferenciados entre si por «qualidades» objetivas que, pelo sexo, especificam o que é ser homem e ser mulher, distinguindo-os assim um do outro. E é enquanto tal que a união erótica fracassa, porquanto falar de uma tal união é falar do absurdo da união do espírito com o corpo, agora marcado pela diferença sexual. Um absurdo que é vivido como angústia que, não podendo suportar-se, «mergulha» na vida<sup>1</sup>, passando à ação e conhecendo o pecado.

Entregar-se à morte (Hans de Giradoux), ou desesperar de si, desesperar desta relação consigo posta por um outro (Kierkegaard e Michel Henry), é o que resta desse amor que busca o outro através do seu corpo, reduzido à contingência das suas qualidades objetivas: a sublime estrutura dos órgãos – o pulmão –, a sublime sensualidade do corpo de mulher – Ondina. Porém, o texto de Michel Henry não se fechou nesta dialética da transposição das qualidades sensíveis do corpo para a subjetividade e desta, pelo espírito, para a objetividade.

A nota de rodapé do § 38 da obra *Encarnação* referente à morte do herói de Giradoux – «*ele morreu porque o aborrecia respirar*» – é, como mostrei, acompanhada no corpo do texto por uma interrogação que retomo, agora em contexto de avaliação dos argumentos teológicos sobre a questão da eutanásia: decerto que a admirável textura de um pulmão torna possível a respiração, *mas porque é que será necessário que algo como a respiração exista?* E a nota do § 43 deixa, também ela, antever a resposta aos argumentos teológicos, pois, quando diz que o olhar do médico vê através das estruturas do corpo do que delas resulta para uma carne, está a referir aquilo que é necessário para que algo como a respiração exista. Isto é, está a referir a necessidade de essas estruturas serem vivenciadas por uma carne. E as estruturas fenomenológicas desta vivência da carne são condensadas na expressão de Michel Henry, de difícil tradução para português: *s'éprouver soi-même!*

<sup>1</sup> Permitam-me observar as semelhanças da linguagem de Kierkegaard – «salto» – com a de Michel Henry – «mergulho» – («plonger»/«noyer») e ainda com a simbologia da água – Ondina – e seus reflexos de morte – Ondina e Narciso.

Compreende-se assim a afirmação de Michel Henry: *quero viver a minha paixão!* Quero! Quero porque posso viver a minha paixão! Posso fruir-me. No mais profundo desespero é ainda um eu quem desespera de si ou desespera desse si que ele é: si a si doado na vida. Abandonar-se a essa relação de si consigo, na vida, é, agora em Michel Henry como em Kierkegaard, mergulhar nela, não já pelo pecado, mas pela fé. Fruir de si por este abandono à vida é poder fruir do padecer originário da vida. A fé é, na fenomenologia da vida de Michel Henry, fé na vida, a Vida absoluta – Deus. Vida na qual e pela qual somos doados; Vida na qual e pela qual poder *s'éprouver-soi-même* é poder fruir de si nessa mesma doação.

Mas podemos concluir que, nessa fenomenologia da vida, não há lugar para a eutanásia? Que, em Michel Henry, eutanásia é uma palavra maldita? Que nela não cabe o meu não querer viver em agonia? Não, não me parece. Não me parece, nem é possível colher da fenomenologia da vida essa maldição.

A relação entre a doação originária da vida e a possibilidade de nela sermos, ou na linguagem da *Essência da Manifestação*, nomeadamente no § 70, a relação entre as estruturas fenomenológicas do sofrimento, sofrer a vida e sofrer-se na vida abrem à possibilidade de se poder viver a paixão fruindo a vida. O sofrimento comporta em si o poder sofrer, e este, sendo sempre o sofrer de alguém em relação com o sofrimento, implica a possibilidade de poder sofrer-se e desse modo poder transmutar o sofrer a vida em fruir-se da vida. E a fé, o salto ou o mergulho na vida daquele que sofre, desespera ou se angustia são suficientes para compreender a passagem do sofrer em fruir e assim querer e poder viver a sua paixão.

Todavia, como compreender esta passagem originária – passagem imperativa porquanto é o uno originário da vida em seu sofrer/fruir/sofrer – naquele que, sentindo-se abandonado pela Vida, apenas a sofre? Como é que não querendo eu viver em agonia, abandonada pela vida, posso escapar à maldição de Ondina, posso escapar ao afogamento na minha dor ou posso escapar ao pecado de Kierkegaard?

Paul Audi, na sua obra *Crucifixion* (2001), mostra como é que, partindo da fenomenologia da vida em Michel Henry, se pode fazer a fenomenalidade não apenas do Abandono da Vida mas do abandono desse Abandono da Vida. Paul Audi procura desse modo mostrar como é que pode distender as propostas do amor de si de Rousseau, sobre o qual publicou várias obras, a uma ética da afetividade, tal como Michel Henry a propõe na *Essência da Manifestação* (1963), sem passar pela modalidade de uma ética cristã, tal como o fenomenólogo acrescenta na obra *A Verdade sou eu* (1996). A introdução de Angelus Silesius e a análise da fenomenalidade daquilo a que ambos chamam o *abandono o mais secreto* – diferenciando-o desse modo quer do abandono da vida

pelo tédio, o herói de Giradoux, quer do abandono da Vida do qual brota o queixume de Cristo na Cruz (Marcos, 15, 34) – vêm ao encontro das teses de Paul Audi em torno da fenomenalidade de uma ética afetiva. A fenomenalidade de *o abandono o mais secreto* bem como a deificação ou santificação de si mesmo (João, 17,17) corroboram a tese da autojustificação do agir sem outra lei ou outra fé que não a do próprio agir – tese pela qual Paul Audi pode fazer a passagem da fenomenalidade do Abandono da Vida ao abandono desse abandono e deste à fenomenalidade da consumação de um viver, o de Cristo, até ao inclinar da cabeça para, voluntariamente, expirar (João 19,30).

Podemos ver alguma da discussão destas teses no diálogo entre Michel Henry e Paul Audi aquando do *Debate em torno da Obra de Michel Henry*, no teatro de Odeon editado pela PUF no quarto volume de artigos de Michel Henry (2004, 225-233). Nela podemos ver que o autor apenas não concorda com a conclusão da obra *A Crucificação* (2001) de Paul Audi. Refiro-me à tese do parricídio tal como vem expressa na apresentação da obra: «*Curiosa história essa crucificação – um filho é condenado à morte, mas é seu pai quem morre*». Mas, no que diz respeito à possibilidade de uma ética afetiva que aproxima a fenomenologia da vida de Michel Henry da fenomenalidade do uno originário do sofrer fruir de si de Nietzsche, na obra *Origem da tragédia*, Henry não faz qualquer objeção (2004, 226).

Ora, é aqui que se põe a minha questão de não querer viver em agonia, bem como os argumentos em favor daquilo que de forma maldita se chama de eutanásia. Não se trata de eu querer ou não querer viver a minha paixão na relação com o poder vivê-la. E até agora falámos apenas de algumas possibilidades ou modalidades de poder viver a paixão: abandoná-la pelo tédio e, nesse abandono, nesse deixar-se levar pelo tédio deixar vir a si morte; mergulhar na vida depois do insucesso de querer libertar-se de si e passar a viver uma vida de pecado ou de fé; consumir-se no amor de si autojustificando-se ou deificando-se. Mas a agonia que justifica a maldita eutanásia nada tem a ver com o que acabámos de dizer. Ou, melhor ainda, tem a ver com tudo isso mas pondo agora uma outra questão: se o uno originário do sofrer e do fruir, em Nietzsche como em Michel Henry, consome em si toda a finitude consumindo-me nele, então, como posso ainda viver a minha paixão se a Paixão do uno originário é tão-só a Paixão da vida ou do amor de si de Deus? Será possível, a partir da fenomenalidade da vida, encontrar alguém que me ajude a superar essa voragem onipotente do uno primordial que apenas me liberta da finitude quando me aniquila consumindo em si todo o meu querer?

Será possível superar a finitude que me impede até de poder, ainda que eu queira, consumir todo o meu ser consumindo-o? Espero poder encontrar em minha agonia, se me for dado vivê-la, o rosto de alguém que amando-me

me ajude a consumir-me ao consumir das entranhas toda a possibilidade de meu viver. Alguém que atualize comigo aquilo que o Deus distante, o Deus do Abandono, o Uno Primordial reserva para si: o amor de si! Espero poder viver a encarnação do amor: a com-paixão! Espero verdadeiramente poder viver a *Encarnação!*

### Alegações finais

Partindo de um diálogo com Michel Henry e de duas notas de rodapé da obra *Encarnação*, propus-me mostrar como é que a questão da eutanásia é uma questão central na fenomenologia da vida, ainda que nela pareça ser uma questão marginal.

Mostrei como é que essas duas notas de rodapé da obra *Encarnação* permitem fazer a passagem da fenomenalidade da insuficiência da fenomenalidade da transcendência para a impossibilidade de uma fenomenalidade do corpo reduzido à descrição de suas estruturas e órgãos – pulmão, sexo –, dar conta das experiências do corpo quaisquer que elas sejam: respiração e erotismo. Mostrei a legitimidade de poder transpor essa insuficiência fenomenológica da compreensão do corpo para a insuficiência do argumento da eutanásia enquanto homicídio, em termos médicos, quando estes se sustentam numa tese, também ela, cindida da vida porquanto dispensa a vontade daquele no qual e pelo qual o corpo é um corpo vivo. Sem a referência ao ato de respirar e por conseguinte àquele que pratica esse ato, o pulmão não respira, o humano morre: síndrome da maldição de Ondina! O princípio da explicação do humano pela descrição das estruturas do corpo é ele mesmo um homicídio, diz Michel Henry em *Quatro Princípios da Fenomenologia* (2003, 87) e por conseguinte, digo agora eu, sem legitimidade para julgar aquilo mesmo que considera como homicídio: a eutanásia.

De seguida tomei a questão da eutanásia como uma questão de abandono daquele que sofre. Deixando também, aqui, de parte todas as narrativas do cuidado com aquele que sofre – que, pelo seu aspeto ficcional, correm o risco de poderem ser elas mesmas acusadas de homicídio por negligência, uma vez que a vida daquele que sofre, e que é com propriedade sua vida, fica reduzida a normas que lhe são absolutamente estranhas –, tomei o *abandono* pelo que ele comporta de *o mais secreto*. Tomei de Paul Audi a fenomenalidade do abandono no contexto da obra de Michel Henry e do místico Angelus Silesius. Para este, o mais secreto do abandono não é o abandono do próprio Deus; abandono que Cristo experienciou na Cruz – meu Deus, porque me abandonaste? –, mas o abandono que conduz ao abandono do próprio Deus.

Abandono que permite a deificação de si e que tanto Paul Audi como Angelus Silesus, ao contrário de Michel Henry, colhem das palavras de Cristo na Cruz. Abandono que nos deixa sem qualquer filiação espiritual, nem mesmo a filiação da vida na Vida, mas que permite ainda a escolha de se consumir consumindo-se na vida. Escolha que é negada a quem vive abandonado/a a uma agonia que se consome a si e em si mesma sem se poder consumir. Para esta agonia apenas a com-paixão pode libertar o amor de si da Vida da onnipotência do poder que se quer a qualquer custo – *l'épreuve de soi* – para encontrar no outro a possibilidade de se consumir absolutamente na vida consumindo-se! Poderá alguém em nome de Deus ou da Vida deixar-me entregue a uma agonia que me consome sem direito à ajuda de me poder consumir?